



## RESENHA DO LIVRO “A MÁQUINA DO CAOS – COMO AS REDES SOCIAIS REPROGRAMARAM NOSSA MENTE E NOSSO MUNDO”<sup>1</sup>

REVIEW OF THE BOOK “THE CHAOS MACHINE – HOW SOCIAL NETWORKS REPROGRAMMED OUR MINDS AND OUR WORLD”

**Renata Couto de Oliveira\***

Acordei hoje e abri meu Instagram. Péssimo hábito começar o dia verificando redes sociais, eu sei. A primeira postagem na minha *timeline* dizia: “Se você fosse um menino de 13 anos sem supervisão na Internet, provavelmente você cresceria misógeno”. O vídeo seguinte no carrossel da postagem trazia vídeos do TikTok com conteúdo violento. Um deles mostrava detergentes na prateleira de um mercado com legenda na qual se lia “Gatorade de Muié”, enquanto outro mostrava soldados do exército uniformizados e carregando armas numa comunidade, acompanhada da passagem bíblica: “Se o ladrão for achado a arrombar sua casa, e for ferido de modo que morra, o que o feriu não será réu de sangue. Êxodo 22:2”.

O perfil da postagem (produzida pela agência de criação de conteúdo Contente) chegou a fazer um teste, criando um perfil no TikTok como se o usuário fosse um garoto de 16 anos. Para criar esse perfil, foram selecionados filtros com base em interesses, como humor, *lifestyle*, vida fitness, esportes e conteúdo motivacional. A postagem relata que em menos de 10 minutos os vídeos que foram entregues, ainda que nenhuma conta específica estivesse sendo seguida, traziam conteúdos ofensivos que faziam piada sobre feminicídio, misoginia e apelo a violência policial. Imediatamente me lembrei do prólogo de *A Máquina do Caos*, de Max Fisher. O jornalista investigativo do New York Times descreve sua chegada aos *headquarters* do Facebook, munido da suposição (baseada em documentos internos que lhe foram entregues por agências de moderação contratadas pelo Facebook) de que as redes sociais distribuem conteúdo de forma

<sup>1</sup> FISHER, Max. *A Máquina do Caos: como as redes sociais reprogramaram nossa mente e nosso mundo*. Tradução de Érico Assis. São Paulo: Todavia, 2023. 544 p.

\* Mestre (IAG-PUC-RJ) e Doutora (Unigranrio|Afya) em Administração de Empresas. Professora Auxiliar, PPGA Unigranrio|Afya. E-mail: renata.coutoazevedo@unigranrio.edu.br

negligente e, em decorrência disso, exacerbam (ou provocam?) crises sociais e políticas ao redor do mundo.

Face aos acontecimentos ocorridos em janeiro do corrente ano, a leitura do livro de Fisher se torna mandatária, principalmente se combinado com outros textos que versam sobre questões de gênero, misoginia e o ecossistema criado pelas tecnologias de informação e comunicação (como o livro de Mariana Valente, *Misoginia na Internet*). Esses acontecimentos – a declaração de Mark Zuckerberg sobre a necessidade de mais “energia masculina” nas empresas e o fim dos mecanismos de moderação nas plataformas da Meta, e o relato da jornalista e escritora Vanessa Barbara para um podcast sobre o abuso psicológico durante o casamento e a rede de misoginia via e-mail da qual seu ex-marido fazia parte – apontam para a necessidade de investigações profundas sobre como as plataformas e outros recursos digitais perpetuam dinâmicas de poder, amplificam tensões sociais e influenciam comportamentos.

O que se segue nas demais páginas do livro é fruto de uma investigação jornalística minuciosa realizada por Fisher, baseada em documentos que “revelam a mão invisível do Facebook na definição dos limites aceitáveis de participação política e de discurso político para 2 bilhões de usuários.”<sup>2</sup> Facebook, Twitter (hoje X), YouTube e outras redes sociais figuram nas páginas do livro, envolvidas em eventos que mudaram a vida de pessoas (e a própria cultura, como o *Gamergate*, campanha online misógina organizada por simpatizantes da direita política contra o feminismo e diversidade na cultura *gamer*) e o destino de países (o massacre étnico em Mianmar e as eleições de representantes da extrema direita, como Donald Trump e Jair Bolsonaro). O envolvimento das redes nesses eventos já é conhecido, mas o trunfo de Fisher é produzir a narrativa que procura explicar o porquê. O autor questiona se recursos característicos das redes sociais, como algoritmos de aprendizado profundo, captura de atenção, impulsionamento de notícias específicas (normalmente as mais violentas e polêmicas, ainda que às vezes falsas) estão associados aos eventos mencionados aqui anteriormente. E parece que Fisher estava certo sobre o funcionamento das redes.

A obra nos ajuda a contextualizar o que outros autores seminais dos estudos sobre as tecnologias de comunicação e informação sinalizam em seus trabalhos. Se Gillespie<sup>3</sup> contesta a neutralidade das plataformas, Fisher nos aponta que isso pode estar associado ao perfil dos executivos por trás das redes sociais e sua ideologia, bem como às estratégias empregadas para captar nossa atenção. Ferramentas de recomendação, botão de curtir, apelo à identidade e à validação imediata, algoritmos – tudo isso foi usado pelos executivos como recurso para crescer

---

<sup>2</sup> FISHER, 2023, p.11.

<sup>3</sup> GILLESPIE, Tarleton. The politics of ‘platforms’. *New Media and Society*, v. 12, n. 3, p. 347-364, 2010. DOI: <https://doi.org/10.1177/1461444809342738>.

seus negócios<sup>4</sup>. A bandeira da liberdade de expressão e a crença de que as redes são espaços democráticos e livres são argumentos que invisibilizam os objetivos dos executivos das redes: nos manter dentro delas, pelo maior tempo possível. E os executivos das redes sociais se deram conta de que isso é impulsionado por mensagens violentas (racistas, misóginas, pedófilas) e mesmo falsas (as malfadadas *fake news*).

Se pesquisamos sobre algoritmos de inteligência artificial que atuam em processos seletivos mediados por plataformas<sup>5</sup> e nos deparamos com algoritmos que seguem uma lógica que prioriza padrões históricos de sucesso, Fisher ilumina a situação falando sobre “majoritarismo disfarçado de meritocracia”<sup>6</sup> e naturalizado. Essa crença permeia as organizações do Vale do Silício e seus executivos desde sua gênese e durante a década de 1980, quando os primeiros fóruns online surgiram, a autogestão era combinada com a crença de que as ideias iriam subir ou cair de acordo com o mérito. Sobre isso, Fisher relatou: “[...] se você não conseguia lidar com seus pares nem ganhar público, se você se sentia intimidado ou indesejado, era porque suas ideias não tinham o mérito da vitória.”<sup>7</sup>

A genealogia do Vale do Silício e das redes sociais traçada pelo autor ao mesmo tempo que rememora os eventos mais marcantes nos quais as redes sociais estiveram envolvidas nos diz muito sobre os responsáveis por sua criação, suas crenças e estratégias de negócio. Fisher, apoiado no trabalho de outros pesquisadores como Margaret O'Mara, historiadora da Universidade de Washington, analisa as características e personalidades dos fundadores do Vale do Silício e seu papel na configuração das redes sociais contemporâneas<sup>8</sup>. O livro evoca (indiretamente) o trabalho de Barbrook e Cameron sobre a ideologia californiana, “uma improvável mescla das atitudes boêmias e antiautoritárias da contracultura da costa oeste dos EUA com o utopismo tecnológico e o liberalismo econômico.”<sup>9</sup> O texto foi publicado originalmente na revista Mute Magazine em 1996 e é uma das críticas pioneiras ao neoliberalismo do Vale do Silício.

São muitos os exemplos sobre violência de gênero digital e potenciais riscos para todos os usuários das redes em *A Máquina do Caos*. O capítulo *Tudo é Gamergate*<sup>10</sup> analisa o

---

<sup>4</sup> FISHER, 2023, p. 40.

<sup>5</sup> NEVES, Ianaira. Reprovados por robôs. Como plataformas de inteligência artificial podem discriminar mulheres, idosos e faculdades populares em processos seletivos. *Intercept Brasil*, 24 nov. 2022. Disponível em: <https://www.intercept.com.br/2022/11/24/como-plataformas-de-inteligencia-artificial-podem-discriminar-mulheres-idosos-e-faculdades-populares-em-processos-seletivos/>. Acesso em: 23 jan. 2025.

<sup>6</sup> FISHER, 2023, p. 73.

<sup>7</sup> FISHER, 2023, p. 68.

<sup>8</sup> FISHER, 2023, p. 477.

<sup>9</sup> FOLETTO, Leonardo. Introdução. In: BARBROOK, Richard; CAMERON, Andy. *A Ideologia Californiana: uma crítica ao livre mercado nascido no Vale do Silício*. Tradução de Marcelo Träsel. Porto Alegre: Baixa Cultura, 2018. p. 5-10. p. 5.

<sup>10</sup> FISHER, 2023, p. 57-92.



movimento virtual que alegava debater a ética no jornalismo de jogos eletrônicos, focado na defesa dos jogadores contra os avanços de pautas progressistas, como a de igualdade de gênero<sup>11</sup>. Tal movimento se tratava na verdade de uma campanha de assédio. A análise de Fisher foca na ação dos algoritmos como os responsáveis por priorizar conteúdos misóginos, reforçando a exclusão das mulheres dos espaços digitais. Em *Abrindo o Portal*<sup>12</sup>, Fisher discorre sobre o recrutamento de extremistas por redes como YouTube e Facebook, que se valeram de ferramentas de recomendação para promover os discursos de ódio pautados por questões de gênero e sexualidade, devido ao seu caráter “engajante”.

E em *Sociômetro*<sup>13</sup>, a discussão gira ao redor do impacto das redes sociais enquanto mecanismos de validação para a saúde mental. Fisher argumenta que a aprovação social se tornou um processo quantificável e constante a partir da implementação das redes sociais. Além do botão de “curtir” no Facebook, temos os corações no Instagram e no TikTok, espaço para comentários, *tags* que avisam aos criadores de conteúdo se salvamos um post ou se o compartilhamos com outras pessoas. Para quem não se lembra, Zuckerberg foi o criador de uma página na internet, chamada *Facemash*, quando ainda era um estudante universitário. Nessa página, descrita por ele como um *prank website* (uma página de pegadinhas) durante seu depoimento no Congresso norte-americano em 2018, fotos de duas mulheres eram avaliadas com base na atratividade. Muita energia masculina? O argumento de Fisher recupera o argumento feminista de que as redes sociais promovem a transformação de corpos e imagens em mercadoria, lucrando com a insegurança, a autoexploração e a dependência emocional de seus usuários.

Fisher não é pioneiro na discussão sobre plataformas digitais e seus desdobramentos para a sociedade. Outros autores, como a acadêmica e escritora Angela Nagle, já se debruçaram sobre o tema. Em *Kill all Normies: Online Cultural Wars from 4chan and Tumblr to Trump and the Alt-Right*<sup>14</sup>, Nagle analisa o papel da cultura da internet nos anos 2000 e sua relação com a ascensão da extrema direita norte-americana, que culminou na primeira eleição de Donald Trump, em 2016. Interessa destacar que o 4chan, um fórum online com subseções sobre *games* e que aparece no título da obra de Nagle, também está no cerne do capítulo de Fisher sobre o *Gamergate*, campanha virtual de assédio ocorrido em 2014 que começou com uma postagem

<sup>11</sup> MORTENSEN, Torill Elvira; SIHVONEN, Tanja. Negative emotions set in motion: the continued relevance of #GamerGate. In: HOLT, Thomas; BOSSLER, Adam (orgs.). *The Palgrave handbook of international cybercrime and cyberdeviance*. Cham: Palgrave Macmillan, 2020. p. 1-23. DOI: [https://doi.org/10.1007/978-3-319-90307-1\\_75-1](https://doi.org/10.1007/978-3-319-90307-1_75-1).

<sup>12</sup> FISHER, 2023, p. 93-110.

<sup>13</sup> FISHER, 2023, p. 42-47.

<sup>14</sup> NAGLE, Angela. *Kill All Normies: Online Culture Wars From 4Chan And Tumblr To Trump And The Alt-Right*. Portland, Oregon: Zer0 Books, 2017.

contra a desenvolvedora de games Zoë Quinn e se alastrou por outros fóruns, como 8chan e Reddit.

*A Máquina do Caos* se torna ainda mais relevante em tempos de discussão sobre a regulação das redes sociais. A estimativa é de que o número de usuários das redes chegue a 5,85 bilhões ao redor do mundo em 2027<sup>15</sup>. Esse número deve ser considerado em conjunto com resultados de outras pesquisas, como o Panorama Político, realizado pelo Senado Federal. Tal pesquisa mostrou que pelo menos 76% da população brasileira foi exposta a informações possivelmente falsas sobre política no segundo semestre de 2022 e que 89% dos entrevistados tiveram acesso a essas informações através das redes sociais<sup>16</sup>. O cenário parece se agravar com o anúncio da Meta sobre o fim de mecanismos de checagem de fatos, em janeiro de 2025. Isso sugere que a preocupação em relação ao possível ataque à democracia capitaneada pelas redes deve ser investigada, discutida com a sociedade civil e seus representantes. A Academia tem um importante papel nessa discussão e os *insights* no livro de Fisher podem contribuir nessa empreitada.

## Referências

FISHER, Max. *A Máquina do Caos: como as redes sociais reprogramaram nossa mente e nosso mundo*. Tradução de Érico Assis. São Paulo: Todavia, 2023. 544 p.

FOLETTTO, Leonardo. Introdução. In: BARBROOK, Richard; CAMERON, Andy. *A Ideologia Californiana: uma crítica ao livre mercado nascido no Vale do Silício*. Tradução de Marcelo Träsel. Porto Alegre: Baixa Cultura, 2018. p. 5-10.

GILLESPIE, Tarleton. The politics of 'platforms'. *New Media and Society*, v. 12, n. 3, p. 347-364, 2010. DOI: <https://doi.org/10.1177/1461444809342738>.

MORTENSEN, Torill Elvira; SIHVONEN, Tanja. Negative emotions set in motion: the continued relevance of #GamerGate. In: HOLT, Thomas; BOSSLER, Adam (orgs.). *The Palgrave handbook of international cybercrime and cyberdeviance*. Cham: Palgrave Macmillan, 2020. p. 1-23. DOI: [https://doi.org/10.1007/978-3-319-90307-1\\_75-1](https://doi.org/10.1007/978-3-319-90307-1_75-1).

NAGLE, Angela. *Kill All Normies: Online Culture Wars From 4Chan And Tumblr To Trump And The Alt-Right*. Portland, Oregon: Zer0 Books, 2017.

NEVES, Ianaira. Reprovados por robôs. Como plataformas de inteligência artificial podem discriminar mulheres, idosos e faculdades populares em processos seletivos. *Intercept Brasil*, 24 nov. 2022. Disponível em: <https://www.intercept.com.br/2022/11/24/como-plataformas-de-inteligencia-artificial-podem-discriminar-mulheres-idosos-e-faculdades-populares-em-processos-seletivos/>. Acesso em: 23 jan. 2025.

<sup>15</sup> PACHECO, Denis. Navegar é preciso! Regular (as redes) também. *Jornal da USP*, 28 jul. 2023.

Disponível em: <https://jornal.usp.br/atualidades/especial-desconstruindo-a-desinformacao-navegar-e-preciso-regular-as-redes-tambem/>. Acesso em: 23 jan. 2025.

<sup>16</sup> PACHECO, 2023.



PACHECO, Denis. Navegar é preciso! Regular (as redes) também. *Jornal da USP*, 28 jul. 2023. Disponível em: <https://jornal.usp.br/atualidades/especial-desconstruindo-a-desinformacao-navegar-e-preciso-regular-as-redes-tambem/>. Acesso em: 23 jan. 2025.

**Recebido em:** 23 jan. 2025.

**Aceito em:** 09 dez. 2025.